

OS SABERES DA MEDICINA MEDIEVAL*

Dulce O. Amarante dos Santos^{si}
dulce_santos@ufg.br

A arte é longa, a vida é breve, a oportunidade é fugaz,
a experiência é enganosa, o julgamento é difícil.
Hipócrates, *Aforismos*

Que se considere a medicina como uma segunda filosofia.
Uma e outra ciência reclamam para si o homem inteiro;
pois se por meio de uma se cura a alma,
por meio da outra se cura o corpo.
Isidoro de Sevilha, *Etimologias*

RESUMO: A medicina integra o conjunto de saberes medievais, herdado da Antiguidade, que mantém diálogos contínuos com as outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, encontram-se físicos que atuaram igualmente como teólogos, filósofos naturais, astrólogos, produzindo obras em vários campos, inclusive até alquímicas. O grande divisor de águas foi a criação dos *Studia Generalia* e das Faculdades de Medicina, que tornou possível a passagem de uma arte mecânica para a reflexão teórica sobre os conceitos de saúde e enfermidade e, assim, a constituição de uma ciência médica. Por outro lado, a prática médica dividia-se em Higiene ou Dietética, Farmácia e Cirurgia. Em Portugal, há notícias de bolsas de estudo para clérigos estudarem em Paris até a fundação da Universidade em 1290, no reinado de D. Dinis. Nas cortes régias, fora do circuito universitário, há presença constante de físicos e astrólogos judeus.

PALAVRAS-CHAVE: medicina medieval, universidade, escolástica médica

No contexto histórico medieval era quase impossível diferenciar claramente os limites entre as diversas esferas de saberes devido ao caráter integrado e relacional do conteúdo da cultura da Europa ocidental. A medicina teórica e prática integrava esse conjunto de saberes, que mantinham continuamente diálogos entre si. Assim, encontram-se físicos que atuaram também como teólogos, filósofos naturais e astrólogos, produzindo obras em várias áreas do conhecimento inclusive até alquímicas.

* Esta pesquisa contou com o apoio do CNPq.

* Professora de História medieval e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

Há três momentos basilares na história da medicina ocidental como área de saber voltada tanto para a criação de teorias explicativas do funcionamento do corpo humano (teórica) quanto dirigida para a prevenção da saúde e o cuidado terapêutico visando à cura das doenças e o alívio dos males e sofrimentos humanos (prática). O primeiro momento situou-se na Antiguidade, quando a filosofia assim como a teoria médica foram escritas na língua grega. Hipócrates de Cós, no V século a. C., citado na epígrafe acima, teve o mérito de desvincular a arte médica da magia e da religião, criando uma teoria e uma prática racional. Depois Galeno, no II século no Império Romano, reformulou e acrescentou outros conceitos à teoria médica hipocrática, ao produzir número significativo tanto de obras teóricas em grego e em latim quanto aquelas de prática médica, destinadas aos agentes do cuidado e da cura. O segundo momento basilar localizou-se na Alta Idade Média, quando Isidoro de Sevilha, no VII século, em suas *Etimologias* (p. 473-497) de grande impacto ao longo do período, ao retomar e sintetizar os principais elementos da teoria galênica antiga, valorizou a medicina como uma segunda filosofia. E por fim, o terceiro momento constituiu-se inicialmente na introdução das obras galênicas pela via de transmissão das traduções do grego para o árabe nos reinos ibéricos e no sul da Península Itálica, gerando o que se convencionou denominar de galenismo árabe. Além disso, houve também a introdução de obras desconhecidas até então da Filosofia Natural de Aristóteles. Assim, a difusão dos textos filosóficos e médicos contribuiu para a institucionalização de Escolas junto às catedrais urbanas na Europa, no século XI, e para as Faculdades de Medicina vinculadas ou não aos Estudos Gerais, nos séculos XII e XIII. Estas Faculdades, por sua vez, possibilitaram o desenvolvimento da escolástica médica e a formação de mestres e doutores na área.

Higiene ou Dietética compõe junto com a Farmácia e a Cirurgia, os três ramos da prática médica preventiva e terapêutica greco-romana e helenística. Higiene era o termo cujo significado abrangia além do regime alimentar, os fatores externos do meio circundante. A partir do século XII, o vocábulo dieta limitou-se ao significado médico, relacionado, entre outros, ao conhecimento dos alimentos, que poderiam igualmente servir para curar e desencadear as enfermidades. A Dietética sempre situou o homem como centro de suas preocupações, voltando-se para a filosofia natural a fim de compreender a interação entre saúde e doença e aprofundar os conhecimentos sobre o humano (JACQUART, 1995, p.178; NICOUD, 2007, p.339) A preocupação com a preservação da saúde corporal originou o gênero da literatura médica dos regimentos de

saúde. Estes propunham prescrições dietéticas apoiadas na teoria das coisas naturais e não naturais e na teoria humoral de Galeno (SANTOS & FAGUNDES, 2010, p. 337). Esse gênero de obra médica pode ser rastreado desde a Escola Hipocrática na ilha grega de Cós, passando pela ciência helenística e pela galênica. De acordo com Isidoro de Sevilha, na *Etimologias*, tratar implicava, antes de tudo, restaurar a energia vital considerada o verdadeiro agente da cura e da preservação da saúde.

Por outro lado, a elaboração de *mezinhas* ou remédios manipulados, ou seja, a arte dos boticários seguia toda a longa tradição de obras que buscavam analisar as virtudes e propriedades curativas dos elementos da natureza, oriundos dos reinos animal, vegetal e mineral. O conjunto desses conhecimentos era denominado matéria médica. Os simples era a designação dada aos elementos da natureza e da combinação desses mesmos eram produzidos os medicamentos compostos. No mundo antigo, Plínio o Velho com a *História natural* e Dioscórides com a *Matéria médica*, são os nomes mais lembrados na origem da Farmácia, que na Idade Média foi denominada de a arte dos boticários. Estes compunham corporações urbanas. Segundo o pensamento analógico, como os homens estavam conectados ao mundo natural e ao universo ao redor, era perfeitamente possível que os elementos materiais pudessem transmitir suas qualidades à natureza e aos homens. Acreditava-se, por exemplo, que uma conjunção dos planetas fosse capaz de causar uma praga nos campos ou a alteração nos humores nos corpos. A partir desse princípio, os médicos, manipulando seus conhecimentos sobre os quatro humores, sanguíneo, fleumático, e melancólico, se valiam das qualidades e do poder simpático ou antipático da matéria para realizar a cura. Assim, a combinação entre temperatura e qualidade das plantas, minerais e animais era usada como prescrição para reencontrar o equilíbrio corporal. Ademais, esse sistema de compreensão do mundo e da harmonia corporal esteve em vigor, a *grosso modo*, até os inícios do século XIX.

No séc. XI, um tradutor do árabe para o latim, oriundo do Norte da África, Constantino o Africano, monge do mosteiro beneditino de Montecassino, no sul da Itália, lócus de letrados e da Escola de medicina de Salerno, traduziu do árabe para o latim obras médicas árabes com o objetivo de rastrear por seu intermédio o legado da medicina greco-romana. Essas traduções constituíram-se no ato de nascimento da medicina como área de saberes específicos na Europa ocidental. As leituras e comentários tecidos sobre esses textos médicos no séc. XII mais outras traduções do grego e do árabe contribuíram com a base doutrinal sobre a qual se pode fundar e

desenvolver a escolástica médica do XIII. Até o século XIV, os Estudos Gerais de Paris, Montpellier e Bolonha foram os polos principais desse ensino universitário e da formação de mestres e doutores oriundos de diversas regiões da Europa.

A partir dos séculos XI ao XIII assistiu-se na Europa à difusão e a institucionalização de uma medicina fundamentada em um saber teórico e submetida a um controle dos seus práticos. Diferentes fatores contribuíram à emergência de um terapeuta erudito do qual o médico atual, apesar das mudanças tanto sociais quanto científicas, é o herdeiro direto. O desenvolvimento da organização e regulamentação geral dos ofícios, o impulso pontualmente dado pelas autoridades régia, imperial ou pontifícia, a pressão exercida pelas epidemias no final da Idade Média forneceram as condições para o exercício da medicina por um prático erudito. A forma precisa que ele adquiriu se explica pela história intelectual da disciplina médica, desde o tempo de Hipócrates e pela importância atribuída ao estudo do corpo humano no seio de uma compreensão global do projeto divino da criação.

Desde o séc. XII a medicina saiu do rol das artes mecânicas (*tekhné* em grego e *ars* em latim) e foi considerada uma ciência (*episteme* ou *scientia*) no interior da filosofia natural e assim o saber médico achou seu lugar na representação geral do mundo e daí a designação de físico, o intérprete da natureza (*physis* ou *natura*), para os médicos medievais. O primado atribuído à saúde da alma e a dificuldade de conciliar o ideal de caridade com a remuneração do atendimento questionaram a legitimidade deste saber. A correspondência estabelecida entre o microcosmo oferecida pelo homem e o macrocosmo representado pelo universo sustentou a ideia de que uma compreensão da criação divina não poderia deixar de lado o estudo do corpo humano, ainda mais que os fundamentos desse estudo se beneficiavam da física aristotélica. Buscava-se descrever e analisar a estrutura e o funcionamento do cosmos junto com todos seus objetos e criaturas. Assim, o mundo físico em movimento constante, objeto da filosofia natural de Aristóteles, divide-se em duas esferas, a celeste e a terrestre ou sublunar. O mundo sublunar possui quatro esferas relacionadas cada uma a um dos quatro elementos que compõem a matéria: ar, fogo, água e terra. Todos os corpos estão sujeitos à mudança e à corrupção, ou seja, à doença (GRANT, 2007, p. 152-153).

Assim, a medicina contribuiu para alimentar a reflexão sobre as relações entre o corpo e a alma, tema que interessava tanto aos letrados quanto aqueles preocupados com o regramento de sua vida cotidiana. A integração da disciplina médica numa visão cristã do mundo foi um dos fatores que lhe permitiu manter sua credibilidade a despeito dos

fracassos terapêuticos nas epidemias de peste recorrentes na Europa ocidental nos sécs. XIV e XV.

No final da Idade Média, as diversas criações de universidades em várias cidades europeias assim como a vontade nascente de ações políticas voltadas para a preservação da saúde dos reinos (no quadro dos cursos ou das municipalidades), afirmaram a implantação dessa medicina erudita. Esse movimento ocorreu a despeito da concorrência sempre presente dos empíricos, dos mágicos ou de religiosos ciosos de privilegiar o recurso a Jesus Cristo, denominado de o Supremo Médico. Embora limitados por muito tempo ao cenário urbano, os cuidados dos físicos universitários por meio de consultas ocasionais puderam atingir pacientes das mais diversas localidades e origens sociais.

Espaços dos saberes médicos em Portugal na Idade Média

Em Portugal, os estudos acerca dos saberes médicos medievais constitui-se em uma história ainda em construção se comparada com as investigações em História social, política ou econômica sobre o período¹. Esta área de pesquisa consolidou-se com as iniciativas dos médicos Maximiano Lemos Júnior e Luis de Pina (dentre outros), da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, nos finais do século XIX e inícios do XX. O primeiro editou igualmente o periódico científico, *Archivos da História da Medicina Portuguesa*, iniciado em 1890 e com edições nem sempre regulares, com publicações de estudos e documentação preciosa de interesse para os historiadores da medicina desde a Idade Média até o século XIX. Após sua morte, o periódico continuou a ser editado pelo *Museu de História da Medicina* que leva o nome do fundador, pertencente à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e localizado no Hospital São João (FERRAZ, 2013, p. 15).

Há fortes indícios de uma medicina monástica praticada e ensinada no interior dos mosteiros, principais conservadores dos textos antigos e fundadores de hospitais considerados espaços de caridade para com os pobres, doentes e desvalidos. Ademais, não se deve esquecer o papel desempenhado pelos *scriptoria* das casas beneditinas e dos cruzios na criação de bibliotecas e na conservação, compilação, cópia, tradução e salvaguarda de parte do patrimônio da cultura médica antiga e medieval. Paris e Montpellier eram as escolas de medicina preferidas para a formação de alguns monges do reino português antes da criação dos *Estudos Gerais* por D. Dinis em 1290.

Nesse sentido, o mosteiro de Santa Cruz em Coimbra desempenhou um papel importante quando instalou dois espaços de cuidados médicos. Primeiro, a *domus infirmorum* para o tratamento dos monges enfermos e segundo, o Hospital São Nicolau, que servia como lugar de acolhimento e cuidados médicos de doentes pobres, desvalidos e peregrinos. Os crúzios mostraram interesse pelo estudo das obras médicas conforme comprova o *Catálogo dos códices da livraria de mão do Mosteiro de Santa Cruz na Biblioteca Pública Municipal do Porto (1997)*. Junto aos textos patrísticos, breviários, livros de lembranças, saltérios, pontificais, vidas, evangeliários, sermonários, cânticos, hinos, litanias, costumeiros, missais, epistolários encontram-se oito fragmentos, manuscritos e impressos, de textos médicos.

Há o *Commentaria in Aphorismos Hippocratis* do pseudo Oribásio destinado ao ensino médico e o *Alphabetum ad Paternum* (provavelmente composto para o bispo francês Paterno, em Coimbra a partir de 1082), atribuído ao Pseudo Galeno. Este último constitui-se em o catálogo de plantas e elementos ativos com virtudes e propriedades medicinais. Além desses, existem alguns fragmentos: *De Fumachi*, *De Lapidoatate*, *De multitudine palpitationis* e *De tríplice tumor* (CCSCC, 13, 39, p.103). Em 1175, há registro no *Livro das Calendas da Sé de Coimbra*, da doação de um conjunto de obras das diversas áreas do conhecimento, pela morte do Mestre Martim em Paris. A biblioteca do mestre doada incluía obras de teologia, história, medicina, filosofia, liturgia, aritmética, exegese bíblica e astronomia. O acervo era maior como comprova o registro de manuscritos cedidos por empréstimos no ano de 1207, no qual se encontram títulos de medicina, o *Viaticus peregrinantis* ou *Kitab Zad al-musafir wa-qut al-hadir* de Al-Jazaar (ou Ibn al Jazzār) e o e o antídoto, *De gradibus simplicium*, ambos traduzidos com reformulações e adaptações por Constantino, o africano (séc. XI). Além desses inclui-se igualmente o *Passionarius* de Garioponto, (séc. XI), da Escola de Salerno, uma compilação de textos de vários autores médicos gregos e bizantinos para uso didático. No segundo registro de 1218 aparecem tratados médicos agrupados como *Libri ad Fisicam pertinentes*ⁱⁱ. No terceiro de 1226, há uma obra sem título do físico de Salerno, Petrus Munsadinus.

O acervo remanescente de 97 manuscritos configurava-se maior como comprova o registro daqueles títulos cedidos por empréstimos nos anos de 1207, 1218 e 1226. No registro de 1207 aparecem listados os livros cedidos a Pedro Vicente, cônego do

Mosteiro de São Vicente de Fora, de Lisboa, em que se encontram outros títulos de medicina, o *Viaticus peregrinantis* e o *De gradibus simplicium*. O exemplar do *Viaticus* (ou *Viaticum*) provavelmente fazia parte do espólio de mestre Martim doado ao mosteiro. Consiste em um manual árabe de prática médica para viajantes que necessitassem de auxílio médico. A obra discutia diversas enfermidades e os respectivos remédios para a cura, seguindo o modelo tradicional de iniciar pelas enfermidades da cabeça finalizando com as dos pés. Devido a seu caráter prático conheceu grande difusão, atestada pelos manuscritos remanescentes. No segundo registro de empréstimo de 1218 para Mestre Gil (Gil de Santarém?), aparecem tratados médicos agrupados como *Libri ad Fisicam pertinentes*. No terceiro registro de empréstimo para Pedro Peres (mestre crúzio?), em 1226, há uma obra sem título do físico Petrus Munsadinus, de Salerno e o manual de medicina *Almansor*, do filósofo e físico muçulmano Rhazis (865-925). Percebem-se nesse acervo crúzio obras de prática médica com grande utilidade para o exercício da medicina monástica seja na *domus infirmarum* seja nos *hospitia*. A presença desses títulos médicos no acervo da livraria de mão crúzia constitui-se noutro indício do interesse pelos estudos médicos no mosteiro coimbrão (NASCIMENTO & MEIRINHOS, 1997, p. 9; CRUZ, 1991, p. 192-193).

Desse modo, apesar da autonomia regional, havia uma abertura para o exterior, com a circulação de religiosos entre as casas da ordem no reino e além das fronteiras. Assim para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra chegavam regularmente religiosos da Espanha, da França e da Itália, que traziam consigo, entre outras, obras médicas. Acerca desse costume, acham-se referências em dois documentos posteriores do século XVII, a *Crônica do Mosteiro de Santa Cruz* de D. Timóteo dos Mártires (MADAHIL, 1960, pp. 103-122) e na *Crônica da Ordem dos Cônegos Regrantes do patriarca S. Agostino*, de Nicolau de Santa Maria (1668, p. 58). Tudo leva a crer que, na época de Sancho I (1154-1212), os crúzios iniciaram um ensino sobre ciências (medicina e farmácia) e enviaram alguns cônegos para estudar Medicina em Paris ou Montpellier, entre eles, D. Mendo Dias, sobrinho do prior Gonçalo Dias. Consequentemente, a presença de obras médicas demonstra o interesse e o conhecimento partilhado das teorias e das práticas médicas disponíveis na época, pela cultura monástica.

Em Portugal, Gil Rodrigues de Valladares, denominado o frei dominicano Gil de Vouzela, depois conhecido no exterior por Frei Gil de Santarém (c. 1890-1265) iniciou seus estudos de língua latina, filosofia e medicina no mosteiro crúzio e depois foi

enviado por Sancho I a Paris para aperfeiçoar-se, já que seu pai D. Soeiro Paes de Valadares era de linhagem nobre e exerceu o cargo de mordomo-mor da corte. No *Vitae fratrum ordinis praedicatorum*, há o registro dos serviços médicos prestados por ele, na enfermaria do convento da ordem dos pregadores de São Tiago em Paris, convivendo com Humbert de Romans. Escreveu textos de receitas médicas e traduziu do árabe para o latim o *Liber de secretis medecinae* de Rhazis. A partir de suas habilidades médicas e de outras alegadas competências, como a de nigromante construiu-se um conjunto de lendas acerca de pacto diabólico. Apesar disso, Frei Gil constituiu-se no exemplo concreto da continuidade desse interesse monástico pela medicina em Portugal (MONTFORD, 2004, p.111; MCLEERY, 2005, p. 120). Outro exemplo mais tardio, no século XIV, o mestre João Vicente, fundador da Congregação dos cônegos seculares de São João Evangelista, conhecida como ordem dos loios, tinha formação médica. Assim, além de religioso, atuou como professor na Universidade de Lisboa. No século seguinte, aos poucos os loios assumiram a administração do Hospital de Todos os Santos e de outros hospitais, como os de Santarém, de Montemor-o-Novo, de Caldas da Rainha, de Coimbra etc. Encarregaram-se da assistência aos doentes e moribundos nos surtos de pestes de 1458, 1493, 1569 e 1579 (VASCONCELOS, 2005, p. 235-236).

Outro físico português, Pedro Hispano (c. 1220-1277), sem contestar as controvérsias entre historiadores e filósofos sobre a autoria das obras filosóficas e médicas que lhe são atribuídas, destacou-se também como médico fora de Portugal. Iniciou seus estudos básicos em Lisboa, provavelmente na escola catedralícia ou em algum mosteiro. Depois, dirigiu-se para a França, talvez na comitiva do então príncipe Afonso, futuro rei Afonso III, para a corte tio, Luís IX. Em Paris, estudou medicina, seguindo o costume peninsular. Há documentação que comprova sua atuação como mestre, na Faculdade de Medicina em Siena, entre 1245 e 1250. Além disso, temos um conjunto de comentários médicos à *Articella*, com muitos manuscritos remanescentes em várias bibliotecas européias. A partir de 1260, desenvolveu sua carreira eclesiástica, no clero secular, sendo então encontrado na cúria pontifícia de Viterbo, onde atuou como físico dos cardeais e papas desde a época de Urbano IV (1261-1264), depois Gregório X (Tedaldo Visconti, 1 set. 1271-10 jan. 1276), Inocêncio V (Pierre de Tarentaise, 21 jan.-22 jun. 1276) e Adriano V (Ottobono Fieschi, 11 jul.-18 ago. 1276). No século XIII, a ciência médica teve grande prestígio na corte pontifícia de Viterbo, um dos grandes centros culturais do Ocidente latino, onde viviam físicos, juristas,

matemáticos e astrônomos - 40% dos familiares dos papas do período tinham o título de magister. Pedro Hispano tornou-se cardeal de Túsculo (Itália) em 1273, integrando o Colégio dos Cardeais, e dois anos depois ascendeu ao trono pontifício com coroação na catedral de São Lourenço de Viterbo, com a adoção do nome de João XXI. Seu pontificado foi breve (setembro de 1276 a maio de 1277), em virtude de sua morte no desabamento de uma das alas em construção do palácio de Viterbo. Deixou um conjunto de obras médicas, que lhe são atribuídas, mas se faz necessária uma investigação mais acurada dos inúmeros manuscritos remanescentes nas bibliotecas europeias a fim de que se levantem mais dados para que possa esclarecer concretamente as polêmicas autorais entre os estudiosos. Além dos comentários, escreveu tratados e obras de prática médica, compulsadas por toda a Europa até o século XVIII.

Além desse empenho monástico pelo saber e pela prática médica assistiu-se igualmente ao interesse de reis e rainhas por obras médicas, sobretudo aquelas relacionadas à medicina preventiva, ou seja, as prescrições dietéticas para a preservação da saúde: exercícios, dieta alimentar, bom sono, habitar em locais longe de pântanos e águas paradas, cuidar das paixões da alma, seguindo os preceitos do galenismo árabe. Testemunho desse interesse são os estudos sobre as livrarias régias onde se encontram títulos de obras médicas. Toda corte portuguesa possuía médicos e astrólogos judeus, com quem reis, rainhas e príncipes dialogavam no cotidiano. A título de exemplo, duas livrarias de mão do século XV se destacam. Em primeiro lugar, a do rei D. Duarte (1433-1438), cuja memória vem sendo revisitada e reabilitada pela historiografia portuguesa contemporânea, a qual continha alguns títulos em português arcaico, o *Viático* de Al Jazaar, o *Livro da Lepra*, dois exemplares do *Livro de Astrologia e Dialética* de Avicena (GOMES, 2012, p. 21). Tudo leva a crer que essa cultura médica veio do contato com o Mestre Guedelha, físico e astrólogo judeu da sua corte. Ademais, D. Duarte suplicou ao papa a permissão para ter físicos judeus em sua corte que resultou na bula (VENTURA, , p.)

Segundo, a livraria de mão da rainha D. Leonor (1481-1525), que deixou seus livros para o Mosteiro da Madre de Deus e entre eles figura a obra médica, *Fasciculus Medicinae*, um conjunto de seis textos independentes de prática médica pertencentes ao físico da região da Alemanha, Johannes de Ketham, na tradução castelhana, *Compendio de la salud humana*. Esses textos circularam muito pela Europa a partir da edição impressa em 1491, em Veneza. Além disso, a rainha foi responsável por ações políticas visando à saúde do reino, criando entre outras o Hospital de Caldas da Rainha com a

terapia de banhos sulfurosos para o atendimento aos doentes, sobretudo de males dermatológicos, inclusive a lepra, durante duas estações do ano: a primavera e o verão (CEPEDA, 1987, p. 60).

Em Portugal, o *Estudo Geral* foi criado pelo poder régio, no reinado de D. Dinis, alojado inicialmente nos Paços régios de Coimbra e depois transferido para Lisboa. 1290 era o momento em que terminava o conflito do rei com os bispos, logo depois de se assinar a concordata e do levantamento do interdito que pesava sobre o reino desde 1267. Após a carta dos principais prelados do reino ao papa, solicitando a fundação do *Estudo*, este foi aprovado pela bula do papa Nicolau IV (1288-1292), *De statu regni Portugaliae*, no mesmo ano. Essa bula além de confirmar a criação aprovou o pagamento de salários aos professores e concedeu privilégios aos mestres e alunos. Estabeleceu o grau de *licentia docendi*, porém, mais tarde encontramos nos documentos referências aos graus de bacharel e doutor. Não foi instituído o curso de Teologia, deixado a cargo das ordens monásticas. As suas faculdades ofereciam os cursos de Artes, Cânones (Direito Canônico), Leis (Direito Civil) e Medicina. Este começou suas atividades em 1309, inicialmente com apenas a cátedra prima e mais tarde, no século XV, com a de véspera. Requeria-se a frequência ao curso de Artes antes de seguir o de Medicina. Todavia, é preciso ressaltar a hierarquia estabelecida na época entre as áreas do conhecimento: primeiro a Teologia, em seguida o Direito civil e canônico e por último, a Medicina, a qual repercutia inclusive nas diversas remunerações recebidas pelos mestres. Por exemplo, em 18 de janeiro de 1323, D. Dinis determinou ao Mestre da Ordem de Cristo o valor a ser pago aos mestres, ao de Leis era de 600 e ao de Decretais era de 500 libras, enquanto que ao mestre de Física era dado 200, mas em compensação recebia mais que o de Lógica com 100 e o de Música, 75 libras. Em virtude do caráter integrado, já reafirmado, do conteúdo da cultura medieval, era muito comum a frequência simultânea ao curso de Teologia e ao de Medicina, pois não havia uma separação tão nítida dos saberes, presente na contemporaneidade.

O deslocamento de estudantes clérigos ou laicos para outros reinos foi uma ocorrência constante, mesmo após a fundação do *Estudo Geral* de Lisboa, o que em contrapartida permitiu mantê-lo em contato contínuo com outras dinâmicas universitárias. Essa permanência no estrangeiro era obtida com benefícios eclesiásticos ou com o apoio real, ou mais raramente por meios próprios. Essa itinerância pelos diversos centros de saber constituiu-se numa marca dos escolares e os mestres medievais do reino português².

As investigações mais sistemáticas sobre os mestres de Medicina não judeus em Portugal ainda estão na infância. Temos notícias esparsas de alguns deles circulando e atuando em outros centros de saber. A título de exemplo, Mestre Alfunsus de Hispania, ou Alfonsus de Portugalia, como é denominado em alguns documentos ou Alfonsus Dionisii de Vlixbona, como é chamado em outros, destaca-se pelo seu percurso de estudante em Paris, em três épocas distintas, para cursar Artes, Medicina e Teologia, sempre concluindo com êxito e exercendo igualmente o ensino de Medicina e de Teologia ainda em Paris. A seguir, Afonso desenvolveu atividades na Península Ibérica, ora em Castela, ora em Portugal, escrevendo ou traduzindo obras de Artes (Filosofia e Astronomia/Matemática), depois exercendo a medicina, e por fim ocupando os mais altos cargos eclesiásticos. Em 10 de abril de 1332 recebeu a licença de Medicina teórica e prática do bispo de Paris, mandatário do papa João XXII (1316-1334). Em março desse mesmo ano aparece com as funções de médico e secretário do rei de Portugal, Afonso IV (1325-1357), sendo que em outros documentos é simultaneamente mencionado como médico de sua filha D. Maria de Portugal (1313-1357), esposa do rei Afonso XI de Castela (1325-1350).

Há notícias de outros mestres de Medicina, tais como, Martinho de Rogido (28/01/1233), João de Montemor o Novo, mestre de Filosofia e Medicina (02/08/1235), Martinho de Bosmarineto, reitor da Igreja de São Miguel de Montemor o Velho e Mestre de Medicina (02/02/1345), Afonso Domingues, médico e mestre (10/05/1350) e Garcia Diogo, escolar de Decretais e “sabedor de medicina” (25/01/1345) (ARNAUT, 1997, p. 287; COSMACINI, 2009, p. 129).

Em suma, os centros de produção dos textos dos saberes médicos constituíam-se sobremaneira nos espaços monásticos e nas cortes régias e depois nos Estudos Gerais, onde acabaram por se institucionalizar e promover a valorização da atuação social dos físicos. Contudo, não se pode esquecer que a busca do conhecimento do mundo, da natureza e do corpo humano, ou seja, da obra da criação divina, motivava todos os saberes, que interconectavam entre si sem as fronteiras e a especialização da contemporaneidade. Os saberes médicos eram um dos caminhos racionais na procura desse conhecimento mais geral. Há ainda uma longa trajetória a percorrer nas investigações sobre os saberes médicos medievais nos reinos europeus e mais particularmente no reino de Portugal.

NOTAS

1 Atualmente a disciplina História da Medicina localiza-se no Departamento de Humanidades Médicas das Faculdades de Medicina europeias.

2 Ainda está por ser realizado o estudo sobre a itinerancia dos escolares e mestres universitários do reino português na Idade Média.

KNOWLEDGES OF MEDIEVAL MEDICINE (12TH-15TH CENTURIES)

ABSTRACT: Medicine articulates a set of medieval knowledge, inherited from antiquity, maintaining continuous dialogue with other fields of knowledge due to the integrated and relational character of the cultural content of Western Europe. Therefore, there were physicians who also acted as theologians or astrologers or alchemists, producing works in various fields, including alchemical. The turning point was the creation of the *Studia Generale* and Medical Schools that made possible the passage of a mechanical art into a theoretical reflection concerning concepts of health and infirmity and, thus the establishment of a medical science. On the other hand, medical practice was divided in Hygiene and Dietetics, Pharmacy and Surgery. In Portugal, there are reports of scholarships to clerics so that they may study in Paris until the foundation of the University in 1290, in the reign of D. Diniz. In the royal courts, outside of the university circle, there was a constant presence of physicians and astrologers Jews.

KEYWORDS: Medieval medicine, *stadium generale*, medical scholasticism.

LOS SABERES DE LA MEDICINA MEDIEVAL (siglos XII-XV)

RESUMEN: La medicina integra un conjunto de conocimientos medievales, heredados de la Antigüedad, manteniendo un diálogo permanente con otras áreas del conocimiento debido a la naturaleza integrada y relacional de los contenidos de la cultura de Europa Occidental. En ese sentido, hay físicos que también actuaron como teólogos o astrólogos o alquimistas, produciendo obras en diversos campos, incluso en el de la alquimia. El gran divisor de aguas fue la creación de los *Studia Generale* y de las Facultades de Medicina, lo que hizo posible el paso de un arte mecánico para la reflexión teórica sobre los conceptos de salud y enfermedad y, por lo tanto, la formación de una ciencia médica. Por otra parte, la práctica médica se dividía en Higiene o Dietética, Farmacia y Cirugía. En Portugal, hay noticias de becas para los clérigos que desean estudiar en París hasta la fundación de la Universidad en 1290, en el reinado de D. Dinis. En las cortes reales, fuera del circuito de la universidad, hay presencia constante de físicos y astrólogos judíos.

PALABRAS CLAVE: medicina medieval, *studium generale*, escolástica médica.

REFERÊNCIAS

- ARNAUT, Salvador Dias. A medicina. In: *História da Universidade em Portugal*. Coimbra: Universidade de Coimbra; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. p. 285-302.
- CEPEDA, Isabel Vilares. Os livros da Rainha D. Leonor, segundo o códice 11352 da Biblioteca Nacional. *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, série 2, v.2, n.2, julho-dez. 1987, p. 51-81.
- COSMACINI, Giorgio. *L'arte lunga*. Storia della medicina dall'Antichità a Oggi. 6ed. Roma-Bari: Laterza, 2009.
- FERRAZ, Amélia Ricon. *A Real Escola e a Escola Médico-Cirúrgica*. Contributo para a História da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Porto: UPorto Editorial, 2013.
- GRANT, Edward. *A History of Natural Philosophy: from the ancient world to the nineteenth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- GOMES, Saul Antonio. Livros de ciência em bibliotecas medievais portuguesas. *Ágora*, v.14, 2012, n. 1.p. 13-26.
- JACQUART, Danielle. La scolastique médicale. In: GRMEK, Mirko D. et al.(org.). *Histoire de la pensée médicale en Occident*. Paris: Le Seuil, 1995. p. 175-210. v. 1.
- MADAHIL, Antonio Gomes da (ed.). A Crónica do Mosteiro de S. Cruz de Coimbra de D. Timóteo dos Mártires. *O Instituto*, 1960, pp. 103-122.
- MARTINS, Armando A. *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*. Lisboa: Centro de História/ Universidade de Lisboa, 2003.
- MCLEERY, Iona. Sainly Physician, Diabolical Doctor, Medieval Saint: Exploring the Reputation of Gil de Santarém in Medieval and Renaissance Portugal. *Portuguese Studies*, 21, 2005. pp. 112-135.
- MEIRINHOS, J. F. Ecos da renovação filosófica no século XII em Portugal: a cultura que vem da Europa e o legado árabe. In: *Actas do 2º. Congresso Histórico de Guimarães*, 1996, pp.153-170. Disponível em: <<repositorio-aberto. up.pt/.../2/josemarquesdoacoes000095915.pdf.>> Acesso em 06/10/2011.
- MONTFORD, Angela. *Health, sickness, medicine and the friars in the thirteenth and fourteenth centuries*. Aldeshot (UK): Ashgate, 2004.
- NASCIMENTO, Aires A., MEIRINHOS, José Francisco et al. (coords.) *Catálogo dos códices da livraria de mão do mosteiro Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: BPMP, 1997.

NICOUD, Marilyn. *Les regimes de santé au Moyen Âge: naissance et diffusion d'une écriture médical en Italie et en France (XIIIe-Xve siècle)*. Roma: École Française de Rome, 2007.

SANTA MARIA, Nicholas de. *Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes do patriarca S. Agostino*. Lisboa, 1668.

SOUZA, Bernardo Vasconcelos. *Ordens religiosas em Portugal. Das origens a Trento-Guia histórico*. Lisboa: Horizonte, 2005.
